



O DISCURSO DO HUMOR: FOCO NOS NÍVEIS LINGUÍSTICOS

THE DISCOURSE OF HUMOUR: FOCUS ON LINGUISTIC LEVELS

Ismael Ribeiro da Silva (PPGEL-UEL)¹
ismaelgramatica@uol.com.br

Jaqueline Adriana Príncipe Pedro (PPGEL-UEL)²
jakinhaprinces@gmail.com

Josué Marques Ferreira (PPGEL-UEL)³
jhosuemferreira@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de apresentar um breve estudo a respeito do discurso do humor (especificamente na modalidade escrita, ou seja, gráfico-visual). Para que este trabalho pudesse se realizar, partiu-se de fundamentos teóricos da Análise do Discurso (AD), dos estudos de Possenti (1998), Fiorin (2001), Koch (2015), Orlandi (2015), Maingueneau (2015), Pêcheux (1977), Charaudeau (2008) e Marcuschi (2008). A palavra *humor* tem origem no latim e, segundo o dicionário eletrônico Aurélio [*Do lat. humor, oris.*], na primeira acepção, é a “*substância orgânica líquida ou semilíquida*”. Somente na quinta acepção, o Aurélio registra o sentido que coaduna com o espírito deste trabalho: “*veia cômica; graça, espírito: todos riem de suas histórias: conta-as sempre com muito humor*”. Por outro lado, o dicionário eletrônico Houaiss apresenta, na quarta acepção, o sentido de “*comicidade em geral, graça, jocosidade*. Considerando o crescimento dos estudos linguísticos, que exploram o humor a partir de piadas e de outros gêneros, optou-se pela produção de um artigo que reunisse uma coletânea de textos, no campo do humor, com o intuito de analisá-los à luz dos seguintes níveis linguísticos: fonologia, variação linguística, semântico-lexical, pressuposição, inferência, conhecimento prévio, morfologia, sintaxe, dêixis e tradução. É evidente que, dada a complexidade e a magia da linguagem, alguns textos contemplam mais de um mecanismo simultaneamente.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Humor; Formação Discursiva; Conhecimento Prévio.

ABSTRACT: This article aims to present a brief study about the discourse of humor (specifically in the written modality, that is, graphic-visual). In order for this work to be carried out, it was based on theoretical foundations of Discourse Analysis (AD), studies by Possenti (1998), Fiorin (2001), Koch (2015), Orlandi (2015), Maingueneau (2015), Pêcheux (1977), Charaudeau (2008) and Marcuschi (2008). The word *humor* comes from Latin and, according to the electronic dictionary Aurélio [*Do lat. humor, oris.*], in the first meaning, is “*liquid or semi-liquid organic substance*”. Only in the fifth meaning, Aurélio registers the sense

¹ Licenciado em Letras Anglo-Portuguesas – UENP (2001). Especialista em Literatura e Estudos da Linguagem – UENP (2003). Especialista em Língua Inglesa – UNOPAR (2005). Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina - PR.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina/PR. Este trabalho é uma parte da dissertação e está vinculado ao Projeto de Pesquisa, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Isabel Borges - Quadrinhos e Análise Linguística - As personagens entram em atuação nas novelas gráficas.

³ Licenciado em letras Vernáculos – Universidade Estadual de Londrina - PR; Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina - PR.



that is consistent with the spirit of this paper: “comic vein; grace, spirit: everyone laughs at his stories: he always tells them with a lot of humour”. On the other hand, the Houaiss electronic dictionary presents, in the fourth sense, the meaning of “comicity in general, grace, playfulness. Considering the growth of linguistic studies, which explore humor through jokes and other genres, it was decided to produce an article that brought together a collection of texts in the field of humor, in order to analyze them in the light of the following linguistic levels: phonology, linguistic variation, semantic-lexical, presupposition, inference, prior knowledge, morphology, syntax, deixis and translation. It is evident that, because of the complexity and enchantment of the language, some texts contemplate more than one mechanism simultaneously.

KEYWORDS: Speech analysis; Humor; Discursive Training; Previous knowledge.

1 - Considerações iniciais e referencial teórico

Atualmente, registra-se um crescimento dos estudos linguísticos, explorando o humor a partir de piadas e de outros gêneros. Nesse sentido, afirma Possenti (1998, p. 25) que as piadas constituem um *corpus* interessante em AD e em outros campos por abordarem, em geral, “temas socialmente controversos”, que representam manifestações culturais e ideológicas, bem como determinados valores disseminados socialmente.

Em se tratando da questão dos gêneros humorísticos e das representações cômicas, constatamos a articulação entre o estereótipo e o riso a partir do pressuposto - também assinalado por Possenti (2010, p. 179) - de que o humor “tem suas regras, seu universo, suas funções [...] Contudo, não deixa de ter algum papel, de retratar à sua maneira os fatos e as pessoas (exagerando-os, caricaturando-os, ridicularizando-os)”.

Segundo Orlandi (2015, p. 13), “a Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso”. É justamente o objetivo deste texto.

De acordo com Brandão (S/d, p. 32), “Pêcheux (1977) desenvolve uma crítica marxista da concepção foucaultiana do discurso, considerada do ponto de vista da categoria da contradição e conclui sobre a necessidade ‘de uma apropriação do que o trabalho de Foucault contém de materialista’.”

Para Maingueneau (2015, p. 25), “o discurso é uma organização além da frase, *mas* isso não quer dizer que todo discurso se manifeste por sequências de palavras de



dimensões (...) superiores à frase, mas que ele mobiliza estruturas de outra ordem, diferentes das da frase”. Nas palavras de Koch (2018, p. 25), “é sabido que, conforme a perspectiva teórica que se adote, o mesmo objeto pode ser concebido de maneiras diversas. Segundo a autora, o conceito de texto não foge à regra”.

Segundo Fiorin (2008, p. 113), “o percurso gerativo de sentido não tem um estatuto ontológico, ou seja, não se afirma que o falante, na produção do texto, passe de um patamar ao outro num processo de complexificação semântica. Constitui ele um simulacro metodológico”. De acordo com Possenti (2014, p. 39), “tentar associar as piadas à questão da identidade, ou, mais claramente, tentar explicitar aspectos da representação identitária com base em material humorístico, é para mim um problema novo”.

Para Koch (2015, p. 62), “a competência sociocomunicativa dos falantes/ouvintes leva-os à detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais”. Isso implica a produção de diferentes gêneros textuais.

Segundo Marcuschi (2008, p. 81), “não é interessante distinguir rigidamente entre *texto e discurso*, pois a tendência atual é ver um contínuo (sic) entre ambos com uma espécie de condicionamento mútuo”.

De acordo com Fiorin (2016, p. 107), “uma configuração é um lexema do discurso que engloba várias transformações narrativas, diversos percursos temáticos e diferentes percursos figurativos. Uma configuração reúne, pois, um núcleo comum de sentido e variações figurativas”...

No conceito de Possenti,

a noção de acontecimento é crucial para a AD. Em primeiro lugar, por sua relação com a enunciação que, quase naturalmente, é concebida como um acontecimento que não se repete (ao contrário do enunciado). Em segundo lugar, por sua relação com a história, campo para o qual a noção de acontecimento é uma espécie de matéria-prima (POSSENTI, 2009, p. 119).

Para Fiorin (2001, p. 31), “o primeiro sentido de enunciação é o de ato produtor do enunciado. Benveniste diz que ‘a enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização’”.

Partindo dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, selecionamos para este trabalho alguns textos, no campo do humor, na tentativa de analisá-los à luz dos níveis linguísticos: fonologia, variação linguística, semântico-lexical, pressuposição, inferência, conhecimento prévio, morfologia, sintaxe, dêixis e tradução. Alguns textos apresentam mais de um mecanismo simultaneamente.

2 – Apresentação e análise dos textos humorísticos

2.1 - Nível fonológico e variação linguística

“Um caipira mineiro ganhou um SMARTPHONE num sorteio.

Ao receber o prêmio, perguntaram:

- O que você vai fazer com o SMARTPHONE?

E o caipira respondeu:

- O PHONE vou ficar pra mim e o SMART vou dar pra minha irmã passar nas unhas!!!”.

Do ponto de vista linguístico, especificamente no nível **fonológico**, há duas possibilidades de leitura da palavra “smartphone”, normalmente para designar o aparelho de telefone móvel com vários recursos tecnológicos. Se decomposermos a palavra “smartphone”, ainda que fora dos padrões “oficiais” da grafia e da fala, a primeira parte (smart) pode referir-se a certa substância, conhecida pelo nome de “esmalte”, um líquido que se costuma aplicar nas unhas, sempre com finalidade estética.

A segunda parte (phone) nos remete ao conceito de pequena peça que se encosta ao ouvido. Houve a troca do /l/ por /r/, fenômeno comum no dialeto rural. Além da ocorrência da **variação linguística**, o estereótipo do caipira se faz presente no discurso do humor. Em termos semânticos, pragmáticos e enunciativos, essa piada explora os

limites da falta de conhecimento de algo popularmente conhecido: um aparelho com vários recursos tecnológicos: o smartphone. Nesse sentido, presenciamos o estereótipo do caipira representado no campo do humor como sujeito ingênuo, pobre desconhecedor de itens básicos para os demais segmentos da sociedade, tão heterogênea como a nossa.

2.2 - Nível semântico-lexical



Figura 1 - Fonte: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2021/09/charge-rede-social-ivan-cabral-com.html>

Na imagem acima, podemos observar a ironia na expressão “*rede social*”. Esse termo está ligado à ideia dos diversos mecanismos de comunicação disponíveis na mídia. Todavia, explorando o nível **semântico-lexical**, há o contraste de sentido entre o comum/esperado e a quebra de expectativa produzida pela expressão “*Rede social aqui em casa é outra coisa!*”. Trabalhando com as diversas possibilidades de interpretação e considerando os atravessamentos ideológicos, essa imagem nos remete a um determinado espaço. Por quê? Porque as nossas posições preconcebidas nos levam a acreditar que somente o povo de uma região utiliza redes para descansar. Além do mais, é notório que famílias numerosas pertencem a um contexto geográfico específico.

2.3 - Níveis da pressuposição, inferência e conhecimento prévio

Exemplo I



Figura 2 – Fonte: <https://tribunapr.uol.com.br/blogs/triboladas/esperinha/>

Em se tratando da tirinha acima, entram em cena a **pressuposição**, a **inferência** e o **conhecimento prévio** do leitor (e também dos sujeitos-personagens), haja vista que tanto o leitor quanto o chefe (sujeito-personagem) sabem de antemão que as mulheres grávidas sempre precisam de acompanhamento da família e, principalmente, do marido.

Embora não pareça, existe considerável quantidade de informações implícitas no texto: em um ambiente de trabalho, que pode ser escritório, escola primária, loja de automóveis, universidade e quejandos, um funcionário solicita ao chefe que lhe conceda licença para sair mais cedo do expediente, uma vez que sua esposa dará à luz um filho.

O chefe, atravessado pela cultura de que os trabalhadores, desde que o mundo é mundo, pedem licença para dar atendimento às esposas gestantes/parturientes e não para a “mera” prática de sexo, dispensa o funcionário com a maior naturalidade do universo. Entretanto, no dia seguinte, ao perguntar se transcorrerá tudo bem e se era menino ou menina, o funcionário respondeu que tudo fora muito bem, mas era necessário esperar



nove meses para saber se o bebê seria homem ou mulher. O chefe, movido pelo mecanismo da **inferência/pressuposição**, descobrindo que seu subalterno lhe pedira licença tão somente para “encomendar” o filho, despediu o rapaz. Cabe aqui uma indagação: será que o funcionário realmente mentiu? Não se trata apenas de um *lapsus linguae*?⁴ Será que o chefe despediu o funcionário por uma questão de *éthos*?⁵ Talvez ele tenha sido influenciado pela **formação discursiva** que, desde os primórdios da civilização, nas entrelinhas da História da humanidade, sussurra aos nossos ouvidos: “Escutai, ó filhos! É expressamente proibido sair mais cedo do trabalho para dar uma *bimbadinha*. Quem proceder dessa maneira estará condenado ao mármore do inferno”.

Exemplo II

“Joesley diz que pagava mesada de R\$ 50 mil para Aécio”. O Aécio é tão mimado que não recebe propina, recebe mesada! Bem coisa de playboy! O cara tem 60 anos e continua recebendo mesada. Menino de Condomínio! (*José Simão*). “*Entrou na Folha de São Paulo em 1987 e mantém uma coluna que considera um telejornal humorístico*”.

Para compreender esse comentário, o leitor tem que conhecer assuntos relativos ao contexto histórico. Nesse caso, contemporânea e atual, a anedota traz informações que exigem do leitor/ouvinte informações prévias, como: depoimento à Procuradoria-Geral da República (PGR), em que o empresário Joesley Batista, um dos sócios da JBS, afirmou

⁴ erro accidental ao falar, que altera o sentido que se pretendia dar à frase e que é interpretado (por influência da psicanálise) como expressão de pensamentos reprimidos. (Dicionário Houaiss).

⁵ substantivo masculino de dois números

1 conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região

Ex.: *o é. da Antiguidade grega, do povo brasileiro, dos nordestinos*

1.1 Rubrica: antropologia.

na antropologia norte-americana, reunião de traços psicossociais que definem a identidade de uma determinada cultura; personalidade de base

2 Rubrica: retórica.

parte da retórica clássica voltada para o estudo dos costumes sociais

3 conjunto de valores que permeiam e influenciam uma determinada manifestação (obra, teoria, escola etc.) artística, científica ou filosófica. (Dicionário Houaiss).

ter pagado R\$ 50 mil por mês ao senador Aécio Neves (PSDB-MG). Indubitavelmente, têm dificuldade para entender o texto pessoas que não acompanham noticiários. Outro exemplo da necessidade de conhecimento prévio é a expressão “playboy”, visto que o Houaiss traz esta acepção: *“Indivíduo rico ou que ostenta riqueza, geralmente ocioso, frequentemente jovem e solteiro e de vida social intensa”*.

2.4 - Morfologia e formação discursiva

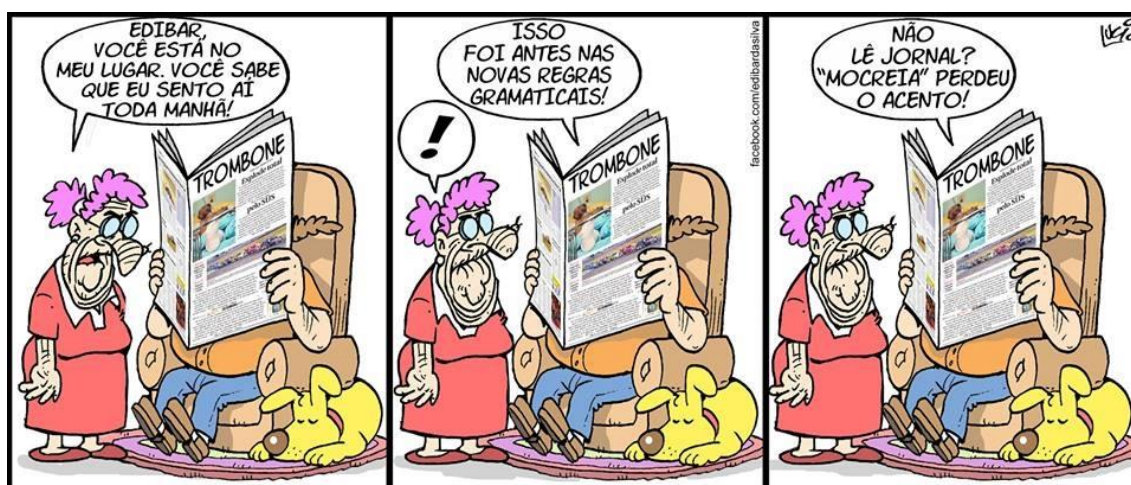


Figura 3: <https://diogoprofessor.blogspot.com/2015/12/atividade-sobre-novo-acordo-ortografico.html>

No que se refere à **morfologia**, a tirinha acima nos coloca diante de um tema polêmico: o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que, nas palavras do professor Pasquale Cipro Neto, trouxe mais custo do que benefício. Na tentativa de simplificar a vida dos lusoparlantes, o Acordo aboliu o trema, utilíssimo para diferenciar *linguiça* de *preguiça*, palavras que agora provocam enorme quiproquó no processo de alfabetização.

Um dos detalhes do Acordo foi mexer também na acentuação de algumas palavras. Pelas novas regras, que entraram em vigor a partir de 1º de janeiro de 2009, não se acentuam mais os ditongos abertos /ei/ e /oi/ em paroxítonas como *ideia*, *geleia*, *jiboia*, *heroico* etc; todavia, no caso de oxítonas como *anéis*, *coronéis*, *pastéis*, *herói*, *corrói*, *destrói*, o acento permanece. Atravessado pela **formação discursiva** segundo a qual “é

melhor perder o amigo do que perder a piada”, o marido resolveu tirar onda com a cara da esposa quando esta lhe reivindicou o assento: “*Edibar, você está no meu lugar. Você sabe que eu sento aí toda manhã!*” “*Isso foi antes nas (sic) novas regras gramaticais! Não lê jornal? ‘Mocreia’ perdeu o acento*”! Não obstante, o objeto de litígio da esposa é representado pela palavra **ASSENTO**, com SS, substantivo deverbal, derivação regressiva do verbo assentar, do latim vulgar **adsentāre* 'estar sentado, encaixar, combinar'. Em se tratando do vocábulo **ACENTO**, a morfologia é outra: lat. *accéntus*, *us* 'acentuação de uma palavra, entoação etc.', do lat. *accinère* 'cantar' com provável interveniência do francês *accent*. Tudo isso nos faz lembrar daquela “antiga” pergunta-pegadinha: “Qual a palavra que tem mais de quarenta acentos”? Resposta: ônibus.

2.5 - Conhecimento prévio



Figura 4 – Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/13226418>

Enquanto o sujeito da tirinha anterior esbanja sabedoria em relação às novas regras de acentuação, na tira atual existe alguém “*assujeitado*” no quesito Acordo Ortográfico. Talvez ele tenha fugido da escola, pois não sabe o que é ditongo nem o que é paroxítona. Esse sujeito está atravessado pela falta de **conhecimento prévio**, o que faz com que ele não saiba os conceitos gramaticais em se tratando das regras de acentuação.

7 - Nível sintático (semântico)



Figura 5: <http://portuguesparacomunicadores.blogspot.com/2012/11/as-informacoes-implicitas.html>

Agora estamos diante de uma ambiguidade de ordem **sintática**, estrutural: “Fogaça quer ser prefeito de novo”! “...Mas ele já foi prefeito antes”? A expressão adverbial *de novo* pode referir-se tanto à forma verbal *quer* quanto à expressão *ser prefeito*! Não se sabe se ele já foi prefeito e busca a reeleição, ou se já perdeu uma ou mais tentativas de galgar a prefeitura. Uma vez que o contexto não responde à pergunta “...Mas ele já foi prefeito antes”?, a dúvida paira nos bastidores da consciência do leitor, que imagina um subterfúgio: que tal deslocar a expressão *de novo* para outra posição na frase? *Fogaça quer de novo ser prefeito*! Xi!!! Parece que não resolve!! Entra em cena a **semântica**!!

2.6 - Nível dêitico

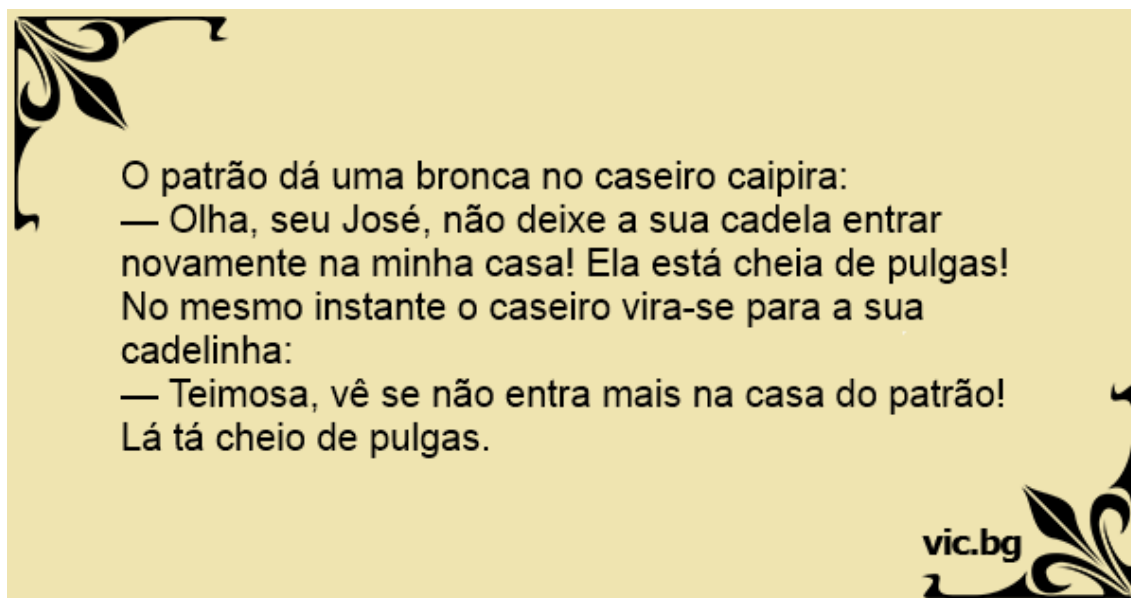


Figura 6 – Fonte: <https://vic.bg/piadas/o-patr%C3%A3o-d%C3%A1-uma-bronca-no-caseiro-caipira>

O dicionário Aurélio nos apresenta a seguinte acepção da palavra **dêixis**: 1. *Estudos Linguísticos: Propriedade que têm alguns elementos linguísticos, tais como pronomes pessoais e demonstrativos, de fazer referência ao contexto situacional ou ao próprio discurso (5), em vez de serem interpretados semanticamente por si sós; referência. [A melhor forma para esse vocábulo é díxis, mas a forma dêixis é a usual. V. anáfora (2), catáfora (2), endófora e exófora].*

Segundo Borges & Freitas (S/D), **dêiticos** são formas linguísticas cuja referência só pode ser determinada pelo contexto. De acordo com as autoras, a indeterminação de dêiticos é um campo fértil para a produção de humor. Como se pode observar na piada acima, o pronome “ela” é um elemento dêitico, isto é, sua referência, no caso desse texto, depende do pressuposto que determina a ocorrência de um nome de referência idêntica, e que há dois sentidos possíveis: tanto “cadela” quanto “casa” podem ter referentes idênticos ao de “ela”, esses dois sentidos possíveis podem ser fonte de equívoco, possibilitando o humor nessa piada. Também os advérbios, *ontem*, *hoje* e *amanhã* são



elementos **dêíticos**, visto que provocam confusão em matérias jornalísticas. Imagine alguém lendo uma notícia com o seguinte enunciado: “O presidente Donald Trump saiu dos Estados Unidos da América *ontem*, passou pela Europa *hoje* e chegará ao Paquistão *amanhã*”. Os elementos grifados ficarão “*fora do eixo semântico*” se a data de publicação do jornal ou da revista não estiver nas condições de “pãozinho quente”, ou seja, o leitor terá necessidade de fazer cálculos matemáticos para saber quando é *ontem*, *hoje* e *amanhã*. Normalmente, descobrirá que o “*amanhã*” já se transformou em “*ontem*” há muito tempo. Caso soubesse o que constitui um elemento **dêítico**, nossa querida boneca Emília teria evitado o vexame pelo qual passou lá no Sítio do pica-pau-amarelo⁶, pela ocasião do concurso para os desenhos do irmão do Pinóquio:

“Por três vezes Pedrinho botou em votação os desenhos, sem o menor resultado. Cada qual achava o seu o mais bonito e votava em si próprio. — Com votação não vai — disse ele. — O melhor é tirar a sorte. Todos concordaram. Pedrinho escreveu o nome de cada concorrente num pedaço de papel, enrolou-os e botou-os no seu chapéu, pedindo a dona Benta, como mais velha, que tirasse um. Emília, porém, protestou, erguendo a mão esquerda no ar e escondendo a direita no bolsinho da saia. — Quem vai tirar a sorte sou eu! Dona Benta não sabe! — Não é você, não! É vovó! — determinou Pedrinho. — Sou eu! Sou eu! — insistiu a boneca. — Já disse que é vovó. Não teime! — Sou eu! Sou eu! — continuou a boneca, batendo o pé e sempre de mão no bolso. Narizinho desconfiou da insistência daquela mão no bolso. — Deixe ver a mão, Emília. — Não deixo! — respondeu a boneca, corando até à raiz dos cabelos. Narizinho agarrou-a e, tirando-lhe a mão do bolso à força, viu que havia nela um papelzinho do mesmo tamanho e enrolado do mesmo jeito dos que estavam no chapéu. Foi um escândalo. Todos a criticaram, achando muito feio aquele procedimento; depois caíram na gargalhada, ao lerem o que estava no papelzinho. Emília, em vez de escrever o seu nome, havia escrito, na sua letrinha torta de boneca de pano — O MEU. Por isso insistia tanto em tirar a sorte. Já estava com o nome do vencedor na mão”... (Reinações de Narizinho, pág. 110-111).

⁶ Forma registrada no dicionário Houaiss, de acordo com a Reforma Ortográfica de 2009.

Também o comércio sói explorar os recursos dêiticos, haja vista o aviso:



Figura 7 – Fonte: <https://www.saidademergencia.com.br/2010/03/como-dizer-nao-quando-um-cliente-pede.html>

Será que alguém volta “*amanhã*” para pedir fiado?

2.7 - Níveis da tradução, variação fonética e conhecimento prévio

An American and an Australian were longtime friends. The American invited the Australian to spend a few days in New York. As the Australian was not accustomed to the movement of big cities, he was almost hit by a truck. The American, desperate, grabbed his friend by the arm and asked him: “Did you come here to die”? And the Australian replied to him: “No, I came here yerterday”.

Um americano e um australiano eram amigos de longa data. O americano convidou o australiano para passar uns dias em Nova Iorque. Como o australiano não estava acostumado com o movimento das grandes cidades, quase foi atropelado por um caminhão. O americano, desesperado, agarrou o amigo pelo braço e lhe perguntou: “Você veio aqui para morrer”? O australiano lhe respondeu: “Não, eu vim aqui ontem”.

Conforme diria Sírío Possenti, apenas a **tradução** não é suficiente para que essa piada produza sentido em português. É necessário que o leitor tenha noção das diferenças entre o inglês falado nos Estados Unidos e o inglês que se fala na Austrália. Estamos diante de um impasse de **tradução** e, ao mesmo tempo, de **variação fonética**.



Todos necessitamos do **conhecimento prévio** de que a expressão “*to die*” significa “*morrer*”, no entanto o australiano a interpretou como “*hoje*” (today), considerando que, na Austrália, o ditongo /ei/ [tə'dei] - ['jɛstər_dei] costuma ser pronunciado /ai/ [tə'dai] - ['jɛstər_dai]. Assim, à pergunta do amigo: “Did you come here to die”? (Você veio aqui para morrer?) ele respondeu: “No, I came here *yesterday*”.

Considerações Finais

O que se buscou neste trabalho foi apresentar alguns textos, no campo do humor, na tentativa de analisá-los à luz dos níveis linguísticos: fonologia, variação linguística, semântico-lexical, pressuposição, inferência, conhecimento prévio, morfologia, sintaxe, dêixis e tradução. Alguns textos apresentaram mais de um mecanismo simultaneamente. Com base nos textos apresentados, acredita-se que foi possível situar o leitor em relação ao discurso, provocando o riso, buscando, segundo Charaudeau (2008), descrever, classificar, comparar as possíveis interpretações e os efeitos de sentido.

De acordo com Possenti, “Possivelmente todas as piadas veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia, isto é, um discurso de mais difícil acesso ao leitor”. Ainda, segundo o autor, “os sujeitos envolvidos nesse discurso humorístico são marcados pela heterogeneidade, o que se permite reconhecer que há na (re)criação do texto a intencionalidade (POSSENTI, 1998, p. 38).

Portanto, aos estudiosos da linguagem e interessados em explorar os infinitos recursos por ela proporcionados, cabe a prerrogativa de, imbuídos dos bons fluidos humorísticos, beneficiar-se dos efeitos de sentido que a produção textual pode provocar.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. Campinas, Editora da Unicamp, S/d.



CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz.

Dicionário Aurélio – Século XXI – versão eletrônica – edição 3.0 de 1999.

Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa – versão 3.0 (2009)

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2ª ed. São Paulo, Ática, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15ª ed. São Paulo, Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8ª ed. Cortez Editora, São Paulo, 2015.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 40ª ed. São Paulo, Brasiliense, Fundação Nacional Pró-memória, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. 1ª ed. Parábola Editorial, São Paulo, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 1ª ed. Parábola Editorial, São Paulo, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 12ª ed. Pontes Editores, Campinas, 2015.

POSSENTI, S. **Pelo humor na linguística**. DELTA, Educ, v. 7, n. 2, p. 491-519, 1991.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análise linguística de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.

Recebido em: 10/12/2023 | Aprovado em: 21/07/2024
Publicado em: 13/07/2025
